

A watercolor illustration of a hand holding a plant. The hand is rendered in various colors like purple, green, and red. The plant has a large red flower and several green leaves. In the background, there are several birds in flight, and the overall scene is set against a warm, yellowish background with scattered red and orange dots.

organizadoras

Larisa da Veiga Vieira Bandeira

Luciane Bresciani Lopes

Adriana da Silva Thoma

cartas e escritas
de amizade
e docência

 peripécia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A243

Adriana da Silva Thoma: cartas e escritas de amizade e docência / Organizadoras Larisa da Veiga Vieira Bandeira, Luciane Bresciani Lopes. – São Paulo: Peripécia, 2022.

Livro em PDF

ISBN 978-65-88192-17-7

1. Memória - Educação. 2. Língua brasileira de sinais. 3. Amor.
4. Amizade. I. Bandeira, Larisa da Veiga Vieira (Organizadora).
II. Lopes, Luciane Bresciani (Organizadora). III. Título.

CDD:
370.1522

Índice para catálogo sistemático:

I. Memória - Educação

Janaina Ramos – Bibliotecária – CRB-8/9166

ISBN da versão impressa (brochura): 978-65-88192-16-0

A ética da amizade de uma orientadora

Graciele Marjana Kraemer

Adriana da Silva Thoma, mulher, mãe, esposa, professora, pesquisadora, orientadora e ativista de formas de vida ética e esteticamente Outras. A vida em seu percurso deixa marcas inesquecíveis, vestígios e memórias afetuosas de momentos e de vivências com aqueles que partilhamos afirmações políticas a partir de uma ética da amizade. Nessa condição, retomar experiências e afetos, em dado momento, constitui-se em um rememorar do vivido, um movimento que, para determinadas escritas, torna-se nostálgico, especificamente pela saudade da ausência.

Escrever acerca da ética da amizade, implica compreender um processo que marca espaços, tempos, práticas e afetos do vivido. Muito além disso, a ética da amizade está implicada com um compromisso de vida, ou quem sabe, um compromisso

concretizado para além da vida. Trata-se daquilo que se aprende e se compreende no cotidiano, na aula, na escrita, na convocação para a afirmação do ativismo social e político.

E lembrar da Adriana – a partir da ética da amizade – faz rememorar um compromisso pautado no ativismo político. Trata-se de um ativismo que “implica tanto uma atitude de verdade e coerência consigo mesmo e nas relações que mantém com os outros, quanto a sua permanente reflexão e contínuos reajustamentos que devem proceder em razão de um ininterrupto cotejamento entre os seus pensamentos e as suas ações” (VEIGA-NETO, 2012, p. 273²⁹). Na afirmação política do direito de todos à educação de qualidade, o ativismo que Adriana mobilizou, encontra-se implicado com “um cotejamento que se dá pelo rebatimento constante entre o que é possível pensar e dizer sobre cada situação e o que é possível fazer com ela, contra ela, a favor dela, etc.” (VEIGA-NETO, 2012, p. 273).

A partir daquilo que determinadas práticas produzem – o desdobramento analítico acerca da inclusão escolar de alunos com deficiência – passa a ser investido pela Adriana da Silva Thoma de um posicionamento ativista. Esse posicionamento encontra-se implicado com o rigor acadêmico e conceitual, aciona determinadas lentes teóricas, institui suspeitas analíticas e faz reverberar discursos que mobilizam outras formas de vida aos sujeitos com deficiência.

Adriana em sua prática, mobilizou formas de ler e compreender o mundo. Estas pouco poderiam distanciar-se de sua própria postura intelectual, uma vez que, como ativista, Adriana fez reverberar dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), um núcleo específico para a promoção da inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior. Olhar para grupos minoritários,

29 VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. *Revista Brasileira de Educação*, [S. l.], v. 17, n. 50, p. 267-282, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/tqdg7b3B787cXjdYvSfLhxx/?lang-pt> Acesso em: 14 mar. 2022.

tensionar políticas e práticas, constituiu uma docente e pesquisadora atenta ao contexto histórico e político que marcaram as reivindicações das pessoas com deficiência. Adriana reiteradamente afirmava – é preciso desconfiar e olhar com cautela ao que vem sendo produzido – isso a fez mobilizar tensionamentos comprometidos com a justiça social. Uma ativista que faz repercutir, em território nacional, a urgência de uma política linguística que contemple aspectos culturais e identitários dos sujeitos surdos. Uma ativista que tensiona a política de inclusão escolar do Brasil a partir da lente analítica do pós-estruturalismo. Uma ativista que mobiliza pesquisas inscritas em determinados campos de saber – Educação, Política, Linguística, Cultura – para compreender a configuração política e econômica da sociedade contemporânea.

Nesse empreendimento de vida, Adriana promove uma determinada ética da amizade. Acionada pelo compromisso coletivo, pela reciprocidade afetiva, pela afirmação política da diferença e pela consolidação de processos e práticas culturais específicas – a ética da amizade é um princípio de vida. Como tal, mobiliza um compromisso com aqueles que historicamente sofrem processos de discriminação negativa, ou seja, aqueles que, a partir de suas próprias marcas, são segregados e inscritos em determinados estereótipos: ineficiência, incapacidade, dificuldade, (a)normalidade, entre outros.

Adriana – enquanto ativista – mobiliza naqueles que com ela convivem, formas de resistência ao imperativo da performance. Ela cria possibilidades de ruptura ao que está dado, faz reverberar saberes e práticas que acionam possibilidades distintas de vida e de configuração política. Uma orientadora que faz olhar para além daquilo que parece dado e/ou inquestionável.

Risonha e cética simultaneamente, Adriana é uma docente/orientadora que rompe paradigmas e faz emergir possibilidades

distintas de estar no mundo com os Outros. Mobiliza formas políticas de afirmação da Diferença e de ressignificação da normalidade. Atenta aos deslocamentos históricos nas práticas operadas com as pessoas com deficiência, assume o compromisso político e analítico de tensionar regimes de verdade.

Imprime uma estética de existência que se importa menos com a afirmação de uma identidade fixa ou de regimes de verdade instituídos acerca de determinados sujeitos. Uma estética da existência que subverte o determinismo em face da invenção, da problematização e da criação. Adriana da Silva Thoma, a partir de Michel Foucault, desenvolve projetos que objetivam a análise de “discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade” (VEIGA-NETO, 1999, p. 7³⁰).

Adriana propõe novas formas de se relacionar, de viver, de compreender corpos e subjetividades. Trata-se de uma estética da existência que está implicada com a constituição ética que Adriana assume, ou seja, formas de vida onde o valor moral não resulta da conformidade com um código de comportamentos, mas de determinados princípios formais e gerais no uso dos prazeres, na distribuição que se faz deles, nos limites que se observa na hierarquia que se respeita (FOUCAULT, 1984³¹).

Adriana em seu legado profissional e de vida significa uma ética da amizade de uma Orientadora, daquela que acolhe e mobiliza outras formas de pensar e de se conduzir no mundo. Grata, querida Adriana, pela possibilidade de aprender outras possibilidades de significar a vida.

30 VEIGA-NETO, Alfredo. **Educação e governamentalidade neoliberal**: novos dispositivos, novas subjetividades. Rio de Janeiro: Nau1999, p. 1-21.

31 FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2**. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984.